

Economia - Brasil

ÁLVARO ANTÔNIO ZINI JÚNIOR

Crescimento e inflação

12 AGO 1996

Não há nada mais atual do que a controvérsia sobre a possível interação entre crescimento e inflação, se é que existe alguma. A tese mais comum que circula no Brasil é a de que uma taxa maior de crescimento da economia pode trazer a inflação.

O corolário terrível de se pensar desta maneira é que devemos nos contentar com taxas de crescimento medíocres ou então o fantasma da inflação voltará. Nesse sentido, o governo brasileiro parece acreditar que a pífia taxa de crescimento de 3% ao ano esperada do PIB é o teto máximo permitido nas atuais circunstâncias.

Mas isso é apenas uma hipótese que está se tomando por certeza.

O estudo da possível interação entre a inflação e o crescimento é tão extenso quanto antigo em economia. A principal conclusão desses estudos é que crescimento e inflação são fenômenos distintos. Às vezes eles se correlacionam e, outras tantas, não. Nossa vizinha Argentina, por exemplo, cresceu à

taxa de 8% ao ano entre 1991 e 1994, sem reavivar a inflação. Ou seja, é possível crescer bem com a inflação em queda.

Esta temática foi alvo de um estudo recente de Robert Barro da Universidade de Harvard (estudo do NBER nº 5326). Barro, um macroeconomista conservador bastante respeitado, examinou dados referentes a 100 países no período

que vai de 1960 a 1990. Concluiu que, primeiro, quando a inflação cresceu em 10 pontos percentuais por ano, houve uma redução na taxa de crescimento da renda da ordem de 0,3% ao ano; segundo, embora pareça paradoxal, a inflação tende a exercer uma influência negativa sobre o crescimento econômico no longo prazo. Ele apurou que 10% a mais de inflação implicou uma diminuição de 5 a 7% do PIB passados 20 anos.

Paralelamente, não detectou nenhuma correlação significativa entre maior crescimento e taxa de inflação mais elevada. Assim, o temor da volta da inflação pelo reaquecimento da economia parece ser mais um medo neurótico do que algo objetivo.

Há, no entanto, um fator que hoje limita a possibilidade do Brasil crescer mais: a defasagem cam-

bial. Caso a economia crescesse mais rapidamente, os déficits comerciais seriam crescentes. Para o País crescer mais é preciso corrigir a taxa de câmbio ou, então, haverá resultados muito negativos na conta corrente.

Se esta correção do câmbio irá induzir ou não um aumento nos preços é outra história. Se a correção na taxa de câmbio for feita conjuntamente com uma redução efetiva nos gastos públicos e uma diminuição da taxa de juros, o País pode crescer mais, mantendo os preços relativamente estáveis. Este é o desafio posto para o governo. Será que ele vai conseguir vencê-lo?

■ *Álvaro Antônio Zini Júnior é professor titular da Faculdade de Economia e Administração da USP e membro da Global Research Network do Harvard Institute for International Development.*

**Crescimento
com preços
estáveis é
possível se o
câmbio for
corrigido**